



MUNDO NOVO





ANA DE CASTRO OSÓRIO

MUNDO NOVO



Sibila
PUBLICAÇÕES

LISBOA 2018

Mundo Novo

Autora: Ana de Castro Osório

Edição original: Companhia Editora Portuguesa, Lda.

Porto, 1930

Sibila Publicações

www.sibila.pt

www.facebook.com/sibilapublic

www.twitter.com/sibilapublic

Este livro pertence à Colecção Mulheres de Palavra.®

© 2018 Sibila Publicações

Editores: Inês Pedrosa, Gilson Lopes

Design, paginação e produção: Above Below Comunicação Unip. Lda.

Revisão: Dulce Reis

Fotografia da autora: Autor desconhecido, 1900 (*circa*). Fundação Mário Soares

Imagem de capa: Henri Rousseau, *Mulher Andando em Uma Floresta Exótica*, óleo sobre tela, 1905. The Barnes Foundation, Filadélfia

Fotografia pp. 2 e 3: Avenida Rio Branco, Centro do Rio de Janeiro, anos 1920

1.ª edição: Abril de 2018

ISBN: 978-989-99946-2-1

Sibila Publicações é uma chancela editorial de:

Nas Tuas Mãos Unip. Lda.

Apartado 014081

EC Cinco de Outubro

1064-000 Lisboa

E-mail: admin@inespedrosa.com

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo electrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização escrita dos editores. Respeite o direito de autor. Diga não à cópia.

ÍNDICE

Nota editorial	9
I	13
II	35
III	47
IV	57
V	63
VI	69
VII	83
VIII	105
IX	123
X	139
XI	153
XII	165
XIII	177
XIV	187
XV	191
XVI	205
XVII	213
XVIII	223
XIX	233
XX	241
Nota biográfica	251

Ana de Castro Osório (1872-1935) tem sido justamente celebrada como pedagoga e pioneira na luta pela igualdade de género em Portugal, mas relativamente esquecida enquanto escritora. A sua marcante obra para a infância, nascida da recolha que ela mesma fez de contos da tradição popular portuguesa e publicada também pela sua mão, depois de recusada por diversas editoras, tem vindo a ser reeditada, ao contrário dos seus romances, contos e ensaios. Ana de Castro Osório entendeu a necessidade da criação de uma literatura para crianças quando ainda ninguém pensava na importância formadora da experiência literária; também nisso caminhou à frente do seu tempo.

Mundo Novo é o derradeiro romance da escritora, publicado em 1930¹. Trata-se de um romance de viagem, de um romance sobre a emigração e o exílio, de um romance sobre Portugal e sobre o Brasil, de um romance de costumes, de um romance de amor – mas, acima de tudo, de um romance político e mesmo ideológico, que faz a defesa do feminismo, da lei do divórcio (Ana de Castro Osório colaborou activamente na criação da primeira lei do divórcio, de 1910, direito que seria retirado aos casados pela Igreja Católica pela Concordata as-

¹ Segundo o registo da Biblioteca Nacional de Portugal. A edição original não tem data.

sinada com o Vaticano em 1940, vindo a ser reposto em 1975) e de um ideal «civilizador» da cultura e da língua portuguesas que encontramos, com matizes diferenciados, nos pensadores da Filosofia portuguesa e em Agostinho da Silva. Esse ideal é, neste romance, expresso em termos que, ao pensamento contemporâneo, surgirão como paternalistas ou mesmo neocolonialistas, o que nos recorda que a língua é um mecanismo temporal e político: palavras como «raça», «pátria» ou «civilização» não podem ser isoladas do seu contexto histórico específico. Parece-nos interessante, todavia, perceber como certas ideias políticas envelhecem mais depressa do que outras; o feminismo advogado por Ana de Castro Osório mantém-se actual nas suas propostas e reivindicações, ao contrário do que sucede com a sua perspectiva sobre as relações entre Portugal e o Brasil ou sobre o papel de Portugal no mundo. Mas essas ideias, sublinhemo-lo, não eram apenas suas, antes se afirmavam como ampla e transversalmente consensuais numa Primeira República eivada do patriotismo ufanista então em voga um pouco por todo o mundo. Era a época das afirmações nacionais e do colonialismo empreendedor, não a das comunidades internacionais e da igualdade entre os povos. Um dos equívocos mais frequentes do tempo presente, e dos mais graves para o entendimento do passado, é o de aplicar, convicta e apressadamente, mundividências e valores contemporâneos à análise de épocas que se regiam por outros parâmetros éticos, existenciais e estéticos.

A protagonista do romance chama-se Leonor, que era, não por acaso, o nome maçom de Ana de Castro Osório, em homenagem à activista e escritora Leonor da Fonseca Pimentel (1752-1799), a Portuguesa de Nápoles, que se notabilizou na coragem com que combateu pelos ideais liberais, uma coragem que a conduziu à forca. Em *Mundo Novo* surge também um Paulo Moraes, grande poeta, apaixonado por Leonor que, consciente de que a amada apenas pode corresponder à sua paixão com um amor de irmã, parte para o Oriente. Esta história reproduz a relação real entre Ana de Castro Osório e Camilo Pessanha – e convém lembrar que devemos a Ana de Castro Osório a organização e publicação do único e extraordinário livro de Pessanha, *Clepsidra*, numa das duas editoras que ela própria criou, Edições Lusitânia. A compilação e edição dessa

obra fundamental do simbolismo e do pré-modernismo português bastaria para que Ana de Castro Osório se tornasse uma figura relevante da nossa história cultural. Mas cremos que seria injusto – para a sua memória e, sobretudo, para a nossa – que continuássemos a ignorar a sua vitalidade enquanto ficcionista de desenvolta fluência narrativa, de manifesta solidez na arquitectura de enredos, de aguda inteligência no desenho de personagens e diálogos e, acima de tudo, dotada de uma capacidade descritiva luxuriante, de grande força cromática. Este tão desconhecido, paradoxal, estranho e familiar *Mundo Novo* do início do século passado vem apresentar aos novos leitores uma escritora que, em nosso entender, merece sair da obscuridade a que a História sistematicamente remeteu a criação, o pensamento e a escrita dessa metade da Humanidade nascida com dois cromossomas x.

INÊS PEDROSA

I



De: Leonor da Fonseca
a Regina de Albuquerque

Minha querida

Prometi escrever-te logo que o vapor se pusesse em marcha, para te dizer, com os olhos abertos, para a policromia gloriosa da nossa linda terra, as impressões da partida, toda a áspera saudade dum tempo que é ainda de hoje e mergulhou já no irreparável passado que – bem o sinto! – nunca mais poderemos fazer reviver.

Ah, Regi, se pudesses compreender a sensação dolorosa, quase materialmente dolorosa, que senti ao primeiro movimento deste grande vapor, que abordáramos com a segurança de quem desembarca numa ilha, tão fixo parecia estar a este recanto do mundo que é a nossa Pátria, como um bloco de rocha no meio do Tejo!...

Se pudesse dizer-to, de forma a bem compreenderes, a dor de amputação moral que senti ao ver-me arrastada lentamente para longe da cidade, que esplendia em toda apoteose de oiro desta primavera de encanto! Se te pudesse dar a impressão estranha que senti de que alguma coisa da própria existência ficava nas vossas mãos, que de longe me acenavam os últimos adeuses, no vaporzito que os levava ao cais...

E não me digas, Regina, que sofro porque assim o quis, que na minha vida não havia nada, material nem moral, que me obrigasse a partir. Não repitas as palavras cruéis com as quais me querias convencer de que não devia deixar tudo quanto num momento único da minha existência me deu a consoladora ilusão de que o mundo tem alguma coisa, dentro dos seus fracos limites espirituais, que vale o sacrifício de existir.

«Partes porque queres!», disseste ainda à última hora, sacudida, quase áspera com os olhos postos no largo desenho da cidade, recortando-se nitidamente no azul translúcido do céu. «Partes porque queres! A felicidade não se encontra em terra estrangeira. Eu morreria no exílio... Quando em pequena me levaram para fora de Portugal adoeci de pura mágoa e quando de novo me encontrei na Pátria, a primeira vez que pus o pé em terra portuguesa caí de joelhos e desatei a chorar numa crise de nervos, beijando-a com devoção.»

Oiço-te ainda, revejo-te encostada à amurada deste grande transatlântico onde não falta nenhum dos confortos materiais que a nossa educação exige, que de hora para hora me afasta mais de vós todos, queridos e inolvidáveis amigos, que sois a única, a verdadeira família do meu coração.

«Partes porque queres!», insistias, talvez na vaga esperança de que à última hora ainda pudesse desistir do cumprimento de um dever, que está só na minha consciência e vontade, mas que nem por isso deixa de ser um verdadeiro e indeclinável dever. E acrescentavas, melancólica e repreensiva:

«Bem sei que me chamas romântica. Compreendo que tens pelas minhas ideias sentimentais a tolerância carinhosa que um médico pode ter pela fraqueza do doente, que por impotência de vontade não reage contra o mal e por isso dificilmente se cura. Mas que queres?... Tenho um grande amor aos meus caprichos e ilusões sentimentais e só por eles compreendo a vida. Não admito que o cérebro domine os nervos e destrua a linda inconsciência que nos leva na doce corrente da existência. Apesar do muito que te quero sinto-me incapaz de bem compreender as tuas revoltas e os teus ideais e as tuas ambições e portanto não sei desculpar esta fuga, porque é uma verdadeira fuga o que fazes. Repito, repetirei sempre: partes porque queres!»

Ai, querida, que ilusão a tua! Como se nós quiséssemos alguma coisa! Como se a nossa vontade pudesse torcer, como um

brinquedo, o destino que nos obriga a seguir por um caminho que tantas vezes é de amargura, deixando outro, que todas as probabilidades nos indicavam como fiador de uma existência calma!

Porque vou para longe, na ânsia de encontrar um mundo novo que os meus sonhos e as minhas esperanças indicam, no desejo ardente de viver uma existência de luta, nobremente labutada, comprando assim o meu direito à vida? Não sei! Ou por outra, sei muito bem que o impulso misterioso que me arrasta para longe de vós, no vago desejo de novo que tanto tem feito sofrer a pobre humanidade, e tem sido também o maior factor do seu progresso, não me deixaria ser feliz, dessa felicidade calma que para mim sonhavas e que só me traria o desespero e a tortura da impotência, num destino falhado.

É que eu, minha querida, sob esta aparência raciocinadora e fleumática que tantas vezes irritava os teus nervos de emotiva, tenho na alma todas as fantasias aventureiras da nossa raça, queima-me o sangue de muitas gerações de emigrantes e descobridores.

O que tem conseguido manter a minha fama de pessoa reflectida e ponderada tem sido, podes ter a certeza, o fundo de timidez que há no meu carácter, mal-disfarçado com uma segurança aparente, que muitos alcunham de orgulho. E assim; parto para viver o meu próprio destino. É alguma coisa! É uma razão que aos meus próprios olhos me justifica.

Escreverei! Foi a última palavra que lhes deve ter chegado aos ouvidos, quando o vapor se afastava lentamente, deixando-os entregues às preocupações de momento, à vida, a uma existência de que faço parte, deixa-me ter esta vaidade, porque, nunca mais – tenho a certeza! – arrancareis da memória a recordação da amiga, que durante alguns meses sofreu e riu convosco, passou as horas boas e as más fazendo parte integrante da vossa própria existência.

E agora que me sinto absolutamente só no meio desta multidão indiferente e, para mim, antipática, como tudo quanto me é inteiramente desconhecido, venho escrever-te, tentando dar-te por um escrupuloso exame de consciência, a convicção moral da necessidade que tive de vos deixar.

Começo esta ao acenderem-se as luzes do salão, já quando de todo se perdeu no horizonte a última e vaga linha da costa portuguesa...

Tomei posse do meu beliche, onde vou só – felizmente! –, tendo custado não sei quanto mais, que o Miguel me disse ter medido nas contas, que me entregou, e que eu, apesar de todo o meu apregoado senso prático, só agora vi na mala de mão para onde as atirei, com o dinheiro por ele cambiado para as despesas de bordo.

Depois de tomar posse desse cantinho, que vai ser toda a intimidade da minha existência durante uns quinze dias, pelo menos, subi a tolda e dei a volta à varanda, onde já se encontra menos gente, pela tarde que esfriou um pouco e pela necessidade que todos, mais ou menos, sentem de enraizarem nos hábitos elegantes de bordo, indo vestir-se para o jantar.

A terceira classe cheia, positivamente abarrotada de emigrantes de todas as nações da Europa, que vão à cata da fortuna, que tão esquiva vai ser para a maioria – carne para canhão que não mais voltará à terra-mãe, sangue de miséria que ajudará a sedimentação dolorosa das novas sociedades que os esperam, indiferentes.

Há risos, cantos, acordes isolados de guitarra, mas a impressão geral é soturna, desolada, miserável, avultando na pobreza desconfortada as crianças, que se estendem pelo chão, lambuzadas e choronas, ou se agarram às mães com o olhar pasmado de quem se encontra em face dum mistério, que baralha todas as ideias adquiridas.

Para quantos dos que aí vão, pobres camponeses arrancados ao recanto agreste a que as gerações se tinham aferrado, como raizame de carvalheira secular, o mar, este mar largo que a noite começa a encher de sombras e o vento a picar numa agitação que é como uma carícia no costado do vapor, não era ainda ontem o desconhecido pavoroso, lembrado com terror em todas as orações, «pelos que andam sobre o seu perigo»?

A vida que os agita e empurra, não se sabe bem para que destino incerto, faz da promiscuidade abjecta da terceira qualquer coisa de repugnante e de animal, que é tanto mais dolorosa quanto é diversa toda essa gente, que nem a língua, nem a raça, nem os costumes ligam simpaticamente nos mesmos interesses e aspirações. Daquele emaranhado de existências humanas, que vozeiam surdamente, sobe até à varanda, onde me debrucei curiosa, um cheiro nauseante a rancho, a molhado, a sujo, que me faz afastar, nesta covardia física que me conheces, perante aquilo que é feio e triste.

Do outro lado da *terceira*, os viajantes da *segunda* têm o ar correcto de quem sabe muito bem avaliar a própria importância, imitando preocupadamente os despropósitos elegantes dos da *primeira*.

No arrepio da noite que me envolvia melancolicamente vim para o salão onde algumas damas inglesas escrevem nas pequenas secretárias em roda, mal se apercebendo dos grupos já relacionados do princípio da viagem, que tagarelam sobre as impressões do dia de excursão e passeio nas ruas de Lisboa, que viu passar, sorrindo, os véus flutuantes e os vestidos curtos das mulheres, a objectiva a tiracolo e o figurino acusador da sua qualidade de aves de passagem para longínqua emigração.

Alguns passageiros, como eu, entrados de novo, conservam-se a distância, estranhos ainda à vida de bordo, que se compara, na sua estúpida e agitada vacuidade, à monotonia de uma cura de águas em hotel de luxo, nalgum desses recantos fundos de vale, onde as nascentes medicinais rebentam e correm para alívio dos doentes e proveito dos industriais da especialidade. Sem comunicações fáceis, nem atractivos fora do âmbito da propriedade, elas condenam doentes e são a uma promiscuidade moral que dificulta a cura a quem sinta, como eu sinto, o horror da convivência com desconhecidos e indiferentes.

Concentrando-me no meu próprio sentir afasto-me de todos os grupos, apanhando alvoraçadamente a primeira secretária deixada vaga por uma loira rapariga, que se dirige para a caixa do correio com um baralho de postais ilustrados, em que Lisboa e seus costumes vão retratados para o conhecimento do mundo.

Pego na pena para te escrever e revivo todas as emoções da partida, vindo-me persistentemente à lembrança a tua frase cruel e injusta: *Partes porque queres!*

A resposta vem tumultuariamente aos meus lábios e esfria logo, na impossibilidade de ta dizer bem alto, numa daquelas discussões e conversas em que o tempo se passava sem darmos por isso, no lindo aconchego da tua salinha florida, como uma estufa.

E tenho que calar e condensar na palavra escrita, menos expressiva e espontânea, a resposta à tua acusação.

Acredita, Regina, quanto mais me concentro no meu próprio sentir mais me convenço de que esta minha resolução derivou, logicamente, da minha própria existência psicológica, inadapável à vida comum de toda a gente.

Viver é lutar; e junto de vós, ao abrigo dos vossos corações cheios de tolerância, o que poderia fazer em acção pela ideia que faz parte da estrutura moral do meu ser?

Aí, concordo, há muito que fazer para aligeirar o peso enorme da injustiça e da crueldade atávica, que esmaga a consciência feminina; tinham vocês razão em mo repetir constantemente para afastar do meu espírito o projecto desta viagem que, no fundo – é necessário ser absolutamente franca –, participava do desejo aventuroso de viver alguma coisa de mais estranho e novo. Aparentemente tinham vocês razão, mas, pensando bem, o que poderá fazer, dentro duma sociedade estabelecida e cimentada, como a nossa, nas praxes de todos os preconceitos e costumes, a vontade, por maior que seja, duma pessoa só, especialmente duma mulher, se não tem direitos cívicos para conquistar um lugar de direcção ou não tiver, pelo menos, o dinheiro – que é um meio, inferior talvez, mas indispensável como força de acção para tornar a vida dos fracos menos injusta e menos cruel?

Desiludida e propositadamente desanimadora, perguntavas-me, sorrindo da minha fé de combatente: «Se cuidava ir encontrar a *árvore das patacas*, o oiro ambicionado para uma obra tão grande e tão urgente numa terra tão asperamente procurada e tão cruelmente defendida pelos ambiciosos de todo o mundo, a maior parte sem ideais nem escrúpulos, lutando com heroicidade, numa ânsia cada vez maior do gozo e do conforto, pelo dinheiro que tudo proporciona?»

Mas não é só a ambição material de ganhar dinheiro que me serve de arma para a luta o que me impulsiona e me faz partir para esta aventurosa jornada. Bem sabes tu, querida Regi, quanto sou despreocupada das questões económicas que, no entanto, convenho, são indispensáveis de atender dentro das sociedades económicas e materialistas em que temos de agir. O que, porém, me impulsionou, confesso, foi o desejo de me encontrar num mundo novo, numa sociedade diferente da nossa, constituída por pessoas laboriosas, que sabem o valor real da vida, despidas de preconceitos, gente desempoeirada pela libertação nobilitante do pensamento, onde, julgo, me vou encontrar bem a gosto, trabalhando sem peias, lutando sem entraves para apressar a hora da justiça que antevejo.

«A tua felicidade estava ali», dizias, apontando para ele, para o amigo do nosso coração, para o companheiro do nosso es-

pírito, para o poeta estranho e amargurado que não fez um gesto para modificar o destino que nos afastava mais uma vez – e agora, para sempre, naturalmente... – no decorrer de duas existências que o acaso aproximou em diversos momentos duma dolorida e rara doçura espiritual, e que o mesmo acaso separou irremediavelmente, na ressaca brutal da vida exterior.

E, ante a minha negativa de convicta, voltaste-te para o lado onde o Miguel assistia ao embarque e acomodamento da minha bagagem e acrescentaste a sorrir: «Ou ali...»

Senti, na própria modelação da tua voz, que a maior simpatia era para esse lado, considerando carinhosamente o belo rapaz, que tanto procurou desviar-me da resolução tomada, para depois, ante a inabalável determinação, se mostrar tão empenhado em satisfazer todos os meus desejos, provando a sua dedicação, em todos os instantes, na maneira como tratou tudo quanto dizia respeito aos meus interesses.

Compreendo a tua simpatia por ele, por esse bom Miguel, que se arvorou em minha providência e cujo interesse me envolve e me acompanha, sentindo o seu reflexo aqui na viagem, neste grande navio onde me sinto tão só, tão desolada e perdidamente só!

Por todos os lados encontro o rastro da sua solicitude carinhosa: nos empregados superiores aos quais me recomendou, nos criados que gratificou, na criada a quem prometeu boa espórtula se lhe levar boas notícias no regresso, na disposição da minha bagagem, de modo a facilitar-me o serviço, na graça com que floriu o beliche com os ramos que me trouxeram e até – custa-me confessá-lo pelo que tem de vexante para as minhas aspirações de autonomia – no troco do meu pobre dinheiro, que se esforçou por cambiar, o mais possível a meu favor, numa horrível canseira pelos bancos e cambistas, que lhe levou, seguramente, umas poucas de horas em que, despreocupadamente, eu nem sequer pensava na necessidade de fazer tal operação.

E porque faz o Miguel um tão grande dispêndio da sua energia e do seu tempo, ele tão avaro de uma e do outro, como criatura de equilíbrio e de senso prático que é?

«Porque te ama!», dizes tu, minha incorrigível sentimental.

Ah, mas não é amor aquilo, sabes tu? É a convicção da superioridade de homem prático, que me quer impor, arvorando-se em dirigente da minha vida material, já que desistiu de o ser da

moral. Há muitíssimos homens que se contentam com essa aparência de mando e fecham as mulheres na gaiola da sua solicitude exterior, sem compreenderem como essa própria dedicação, estatelada ao público, é vexante para a altiva consciência do indivíduo autónomo que todos devemos ser! O que o Miguel fez por mim – não me chames ingrata! – não me comove, porque outra qualquer pessoa o faria, pelo simples desejo de ser agradável ou receber uma gratificação.

Vejo a tua indignação nervosa ao ler estas palavras... mas, deixa-me ser absolutamente franca, agora que estou só com a tua alma e não vejo o teu sorriso de ironia, nem tenho que rebater as tuas opiniões e palavras de descrença sobre o meu ideal de individualismo consciente. O que me afasta de Portugal neste momento, o que fez uma realidade imediata do que fora por muitos anos uma vaga ideia mal enraizada na minha consciência, foi exactamente a recrudescência de ternura amorosa do nosso bom Miguel, cego a todas as aspirações abstractas, muito bem plantado na vida, muito senhor de si e do seu futuro, cheio da força social que lhe dá a certeza de que a fortuna pessoal do pai, ao serviço da indústria tão bem encetada, lhe garante uma existência farta e sem preocupações, podendo realizar sem canseiras o que ele chamará as suas extravagâncias: vilegiaturas comedidas em termas ou praias de luxo; de anos a anos uma passeata ao estrangeiro; a renovação do mobiliário fora de moda; a posse de um automóvel e de algumas parelhas de cavalos (a sua paixão atávica de criador); e por fim, o casamento por amor com uma rapariga de convívio agradável e família conhecida, e que ele vista e calce e passeie, e lhe dê em troca os filhos necessários para a continuação da dinastia dos Mendes da Rebordosa, que tem, na amarelecida papelada da sua farta genealogia de «Homens bons» do conselho, atléticos brigões de feiras e romarias, riquíssimos lavradores e comerciantes, alguns inofensivos cónegos e duas ou três senhoras abadessas em fechados conventos de afamadas crónicas, poucos militares, pouquíssimos letrados e muitos criadores de bom gado de raça para os curros de Lisboa, e, talvez, algum titular da aristocratização última do constitucionalismo.

Tu sabes, Regina, quanto no fundo do meu coração estimo esse bom Miguel, que me conheceu pequenina, que me habituei a ver como um generoso irmão, sempre pronto a advogar a minha causa perante o julgamento severo que as minhas traves-

suras reclamavam; meu companheiro nas horas perturbadas da adolescência, meu amigo sempre nas amarguradas emergências desta existência baralhada e truncada, que é a minha. Mas o que não podes, sequer, calcular é o abismo que moralmente me separa dele, não como leal e desinteressado amigo, mas como marido, que pretendia tornar-se.

A ideia deste casamento, acariciado e combinado entre as nossas duas mães, que foram amigas de colégio, apavora-me, positivamente!

É provável que o tivesse aceite, com muita ilusão e uma grande boa vontade idealista de o fazer feliz, quando, aos dezasseis anos, voltei à Rebordosa com a minha educação feita, no dizer optimista e na convicção ingénua da minha mãe. Mas que educação era essa, Regina? Pobre fermento de sonhos, ambições e vaidades, terreno preparado para todas as aventuras dum futuro que a minha dealbante consciência não podia sequer antever e, muito menos, determinar.

O que sabia então? Absolutamente nada, devo confessá-lo, com tanto mais orgulho quanto é certo que foram esses fraquíssimos elementos de defesa que me empurraram para a vida, a mim, como a tantas outras raparigas da nossa classe.

Com essa custosa educação sem finalidade, que minha mãe proclamava perfeita e completa, adquirira, apenas, o conhecimento superficial das línguas francesa e inglesa, com o bastante de alemão para ler sem compreender uma página do seu tipo gótico.

De resto... umas luzes gerais sobre artes e ciências vagas, como é de uso indispensável numa menina de boa condição, para não incorrer no desaire de afirmar, como os santos inquisidores que torturaram Galileu, que a Terra está segura e firme no espaço como uma rocha, enquanto o Sol meigamente a rodeia como adorador fiel... Além destas perfunctórias sabenças, quis a minha negação absoluta para a música que me fossem dadas, como indispensável cultura artística, umas habilidades picturais, elementos suficientes para matar o tempo na Rebordosa.

Nessa ocasião era, porém, muito prematuro o casamento para os cálculos dos pais do Miguel, que não tinha ainda assente no caminho a enveredar, apesar dos seus vinte anos, que a ambos nos pareciam ser uma idade já bastante avançada...

E, como também os meus dezasseis não inspiravam uma profunda confiança nos ânimos paternos, resolveu a minha senho-

ra mãe que toda a misteriosa conspirata ficasse em segredo, para mim, não fosse eu sentir-me muito presa antes do tempo e me tornasse infeliz e doente pela caprichosa espera dum noivado em perspectiva.

É inútil dizer-te que nenhuma das conversas e conluios passaram sem que os meus ouvidos e a minha atenção as apanhasse de passagem, embora o Miguel para mim se mostrasse com um ar protector e de mistério, que o convencia da sua alta superioridade de homem e de mais velho. E eu, obrigada a não saber nada, sorria para dentro com a ingénua hipocrisia de todas as raparigas no meu caso.

O resto já tu sabes, ou antes, sabes os factos gerais, que me tornaram aos vinte e seis anos a única senhora e árbitra do meu destino.

Com a vida pública do meu pai, sempre pronto para desempenhar comissões de serviço nas colónias, habituei-me, no convívio com gente estranha, a uma libertação de pensamento e a uma visão larga das coisas, que determinou a libertação externa, deixa-me assim expressar, num terreno bem preparado... como dizes, com muita propriedade e a impagável fragrância e graça da tua conversa.

A bordo dos paquetes que durante anos de peregrinação nos transportaram da costa ocidental africana à costa oriental, da Índia à China e à Oceânia, tive ocasião de ler em revistas e jornais estrangeiros tudo quanto reflecte, duma forma mais ou menos simpática, a questão social a que, impropriamente, se convencionou chamar feminismo. Nesse período da minha existência, que classifico de intelectualmente incubador, li tudo quanto me passou pelas mãos, ao acaso das bibliotecas de bordo, desde os romances detestáveis do sentimentalismo piegas, às canalhices abjectas dos industriais da pena. Os livrinhos de literatura branca espalhados pelo mundo por conta e ordem das sociedades moralistas dos Estados Unidos, como as aventuras rocambolescas dos dramas policiais e dos romances históricos de capa e espada, tudo passou pelos meus olhos e entrou no meu espírito sem lhe deixar a menor sombra de impureza. A par de muitíssimo alimento impróprio, que o meu organismo vitalmente rejeitou, consegui tomar conhecimento de tudo quanto de melhor existe na literatura inglesa, na francesa e na nossa, apesar da grande dificuldade que sempre encontrei em obter os livros portugueses.

Foi a jeito e a propósito desta minha sede de leitura que mais se entrelaçaram e apertaram os fios de oculta simpatia espiritual que me ligam ao nosso querido poeta.

Não calculas o sentimento de dignificação, que me engrandeceu aos meus próprios olhos, quando ele pôs às minhas ordens a imensa colecção de livros – não digo biblioteca porque sei quanto as classificações pedantes o irritam – que recolheu um a um ao longo da sua tão calma e útil jornada pela vida, amando os escolhidos como a bons amigos individuais, desfazendo-se impiedosamente de todos os maus ou inúteis.

Considerando-me sua discípula, embora nunca me tivesse imposto a mínima parcela de opinião dogmática, toda a minha ternura espiritual se concentrou no amigo, que me dava a sua confiança e a sua estima duma forma tão subtil e feminina, no sentido em que tomo a feminilidade espiritual, pela delicadeza emotiva no sentir, que não pela antipática classificação fisiologicamente sexual.

Chegando a este ponto da minha confissão, bem sei, Regina, que é para ti motivo de surpresa a maneira esbatida e vaga como se conservou no fundo do meu coração, e porventura no dele, este grande afecto que nos facilita um convívio cheio de carinho, ligando-nos desde a primeira hora em que nos encontrámos, era eu pouco mais do que uma criança e ele já um consagrado entre as centenas de pessoas que o conheciam e dele falavam com o respeito que a sua superioridade justificava.

O fio de oiro deste nosso afectuoso interesse foi-se estendendo e reatando pela vida fora, sempre que o acaso nos reuniu, como o desenrolar do fuso maravilhoso no conto de «Rolando, o noivo esquecido», que enche de luz a imaginação infantil.

E nota, minha querida Regina, que o acaso não tem sido muito pródigo nos encontros que nos tem proporcionado, jamais forçados pela nossa determinação, jamais ligados nos intervalos por qualquer correspondência de simples e amistosa lembrança.

No entanto, a nossa vida espiritual corre sempre paralela porque, ao reencontrarmo-nos, ambos temos a nítida impressão de que não foi oposta a curva intelectual e moral que o nosso espírito descreveu.

Tu, minha querida, que no fundo és muito menos idealista do que eu, apesar da tua fama de sentimental, não compreendes bem este sentimento tão vago, que eu própria não cheguei nunca a

determinar, sendo mesmo abusar da tua condescendente amizade referir-me à sua quase irreal existência...

Foi pois nesses anos de vida larga e desafogada nas colónias, que me fiz o que me encontraste, quando a morte de meu pai nos trouxe, no refluxo da vida, para Lisboa, que mal conhecia no seu meio exterior, nos rápidos estádios de repouso, entre duas viagens.

E após esse desastre máximo para a nossa existência moral e material encontrei-me volvida em chefe de família, eu, menina mimosa e tutelada pela atmosfera de carinho e de respeito em que o nome de meu pai me conservara até aí. Tornada eu, filha-família, de um dia para o outro, em único arrimo moral duma linda e boa senhora que, durante a sua existência afagada e recolhida, nunca tinha posto os pés na rua desacompanhada!

Felizmente que te reencontrei nessa querida e grande Lisboa indiferente e ilógica e que tu simpatizaste com o meu feitio moral, que nas suas linhas gerais tão bem se casa com o teu.

A aproximação do Miguel, que a protestos vários passou a residir quase sempre aí, deu-me a conhecer que, tanto ele como os pais, desejavam estudar as modalidades que a vida imprimira ao meu carácter, tendo a vaga – e justificada – apreensão de que a Leonor que sou hoje pouco ou nada tem daquela que aos dezasseis anos era massa maleável, e ainda por levedar, a que bem se poderia incorporar sempre juízo, na composição geral da família, com a marca de pão de luxo.

Não te sei dizer, com garantia de acerto, se para os pais de Miguel eu serei ainda a esposa desejável para o filho. Afigura-se-me que não, apesar da grande ternura paternal, muito cavalheiresca e *ancien regime*, do senhor João Mendes da Rebordosa, que se mostra agradado quando lhe conto episódios das viagens e lhe digo os casos pitorescos, concordando, amável e teoricamente, com as minhas aspirações de perfeita justiça, rindo como *galante huomo* das impaciências e impertinências do filho, sempre armando em senhor de barão e cutelo. A mãe não a conheço bem a fundo, colocando-se propositadamente na sombra dos seus deveres de governante tutelada do marido e do filho, como futuro chefe de família. Se alguma simpatia tem por mim, será apenas o reflexo da grande amizade que a ligou, desde menina, a minha mãe.

Nesta situação, que eu chamarei de cordial expectativa, fiz o possível por, diplomaticamente, evitar situações irreparáveis e

palavras que se tornam em algemas e dar azo a que o Miguel tivesse ocasião de se mostrar tal qual é.

Dizer-te, neste momento único de absoluta sinceridade, que não será fácil repetir-se, pela anormalidade das circunstâncias morais em que me encontro, que não lhe tinha senão amizade fraternal, parece-me que seria mentir.

Involuntariamente caminhava para ele, na ânsia de nos realizarmos no todo completo, que é, a meu ver, o casamento. Por vezes me surpreendia a sorrir com o seu sorriso, estremecendo ao contacto da sua mão máscula e nervosa, quando apertava a minha, com a energia do animal que sabe gozar a posse da sua presa. Ao pressentir-lhe os passos na escada e aquele seu tocar na campainha rápido e repetido, de quem não pode nem deve esperar, já por vezes sentia o sangue afluir-me ao coração para subir às faces numa onda de rubor; o que me vexava pelo ar de noiva ansiosa e ingénua que a seus olhos podia mostrar.

Seria mentir, sem desculpa, o negar-te, agora que me sinto já libertada, que muitas vezes me surpreendi pensando com ternura na boa casa antiga onde poderia entrar como família – eu que neste momento me sinto tão desoladamente só! –, encontrando de novo o carinho doce de meus pais nesses velhos, que deles foram amigos... pensando até – deixa-me ir com o meu sonho até ao fim – que a minha inteligente influência e bom exemplo poderiam beneficiar essa região em que a mulher é tão escravizada e brutalizada pela vida. Com a cabeça e os olhos cheios do trabalho admirável das mulheres dos países nórdicos, deleitava-me a idealizar a criação de escolas profissionais e associações das lavradoras instruídas que desejava que fossem todas as senhoras das redondezas; estudava culturas e métodos novos de valorizar a terra pela indústria, dando à mulher o seu verdadeiro papel de mãe e orientadora da família no belo e largo sentido moderno da palavra, não à romana, como a entende o judicioso critério da grande maioria da gente portuguesa.

Mas ver o Miguel encolher os ombros, sorrindo ironicamente ao que ele chamava «as minhas fantasias românticas de intelectual» e afirmar com ar superior de delegado de província: «Que a vida se encarregaria de me limpar da cabeça essas teias de aranha» – para ele, tudo quanto não seja o dia-a-dia positivo da existência, é considerado *teias de aranha* –, era para os meus nervos a chicotada revigoradora dum duche escocês. Ouvindo-o troçar, e

por vezes discutir com ar enfatiado tudo quanto representa para mim um ideal de justiça, que é a minha religião, o meu espírito confrangia-se, ou melhor, apavorava-se, perante a interrogativa do futuro e a progressiva diminuição da minha estima cerebral prejudicava, em absoluto, o amor físico, que ameaçava prender-me.

No dia em que ele me disse, brincando com a haste dos nardos perfumados que me trouxera e que, na surpresa da minha paixão pelas flores e pelos perfumes fortes, quase me levava a fazer-lhe uma declaração de amor: «Que, para ele, a mulher, só representava na vida do homem a beleza frágil e o capitoso perfume duma passageira flor», repetindo ante o meu protesto: «Que a mulher não devia ter direitos, de que não saberia usar e os deveres lhe bastavam para preencher os dias da existência, unicamente devotada ao homem, seu senhor», no momento em que afirmou: «Que mulher sua terminantemente seria impedida de exercer qualquer profissão remunerada, achando vexante e pouco seguro para o marido, que a mulher ganhasse dinheiro próprio, embora não desprezasse o que trouxesse em dote, ganho por outros, e do qual seria o administrador.» Francamente, minha querida Regina, abriu-se entre nós um abismo tão fundo, tão fundo, que transpô-lo seria expor-me ao perigo máximo de detestar o homem que devia amar.

Ouvindo-o, todo o meu afecto se transformava em desprezo e até em ódio retrospectivo, estremecendo de horror pela minha própria miséria, se tivesse casado com ele antes de ser a mulher que hoje me encontro, sabendo o que sou e o que quero ser.

Bem sei que esta minha ingénua confissão te vai causar riso, mas cumprindo a minha promessa quero ser absolutamente franca para ti, nesta hora que é para a minha consciência uma verdadeira Páscoa da Ressurreição.

Com todos os meus pensamentos estatelados diante dos teus olhos de juiz da penitência, a minha alma entrará no Mundo Novo, do qual me aproximo em cada volta da hélice, pura e limpa, como uma patena depois da consagração. Pois fica sabendo, Regi, que visionando os dias de revolta e de tédio que teria passado na Rebordosa, se a sorte me tivesse casado mais cedo, ou – pior ainda – vendome absorvida e afeiçoada ao meio e ser hoje o que me inspira tão profundo desgosto nas outras, o animalzinho de egoísmo e de passividade, sem ideal que ultrapasse os pequenos gozos da vaidade, que se sente satisfeito com a posse duma jóia ou o estrear dum vestido que enraivará as outras pobres, enche-me de apavorado espanto!

«Cuidarias dos filhos», disseste-me um dia, opondo a tua visão duma existência materialmente equilibrada às minhas dúvidas justificadas, lembras-te? «Tu que adoras as crianças serias a mais encantadora das mães.»

Pois não seria assim, escuta-me sem te indignares. Nem sempre são bons pais os que estimam, como eu, as crianças, com o enlevo e o encanto de quem admira a vida sob as forças mais delicadas do seu lado estético. Em geral os melhores pais, os mais dedicados e sacrificados à felicidade dos filhos, sentem pelas crianças alheias uma indiferença absoluta. O que seriam os meus filhos e do Miguel, nascidos há seis ou sete anos na atmosfera asfixiante da família Mendes, na qual, tradicionalmente, a mãe só representa o elemento de passividade, material e moral, que lhe delimitou o Alcorão? Bonequinhos de luxo sabiamente manejados nos seus engonços difíceis, único desafogo e entretenimento duma pobre mãe obrigada a medir as palavras, sofrer os impulsos mais generosos, recortar as crenças como guarnições de jardim bem tratado, nem demasiadamente praticante para não ser chamada reaccionária numa família de tradições liberais nas lutas do constitucionalismo, nem indiferente de práticas exteriores para que não fossem os outros suspeitar que se queria fugir aos espartilhos dos dogmas oficiais que são pergaminhos nobiliárquicos em todas as sociedades em decadência.

Não! Decididamente era eu a pessoa menos talhada para entrar, como princesa consorte, nos senhorios da Rebordosa, não sendo tolerável ao meu carácter aceitar um marido que, tomando à letra as disposições do Código, assumisse o papel de protector e, mais ainda, o de tutor.

Estou a ver o franzir descaído dos teus lábios, sorrindo irónica do que aos teus olhos não passa de ingenuidade na forma de encarar as questões que me tocam directamente. Estou a ouvir-te murmurar o que tantas vezes anunciaste, com segundo sentido, no decorrer das nossas discussões de princípios «de paixão jacobina» classificando as convicções firmes que não admitem transigências ou fraquezas de carácter o que, segundo muita gente ondeante em seus juízos, não é duma suprema elegância. E ao ler-me terás desejos de repetir: «Ora, minha pobre Leonor, as opiniões que os homens têm em solteiros, são apenas palavras de que o sentido só mais tarde se conhece, conforme a orientação que a vontade da mulher lhes imprime. Quando o povo construiu aqueles proló-

quios e anedotas: «O que a mulher quer Deus o manda»; e «O homem põe e a mulher dispõe»; o caso das nozes do senhor abade¹; os «...cinco réis por cada homem que tivesse medo da mulher²» e tantos outros com o mesmo sentido, só tinha em vista provar que, apesar dos seus fumos de senhorio, quem no fundo dirige a sociedade é a mulher, que se insinua e domina o homem, que mais alto proclama o seu mando...

É que a mulher, usando os processos de escrava sem direitos, adula e mente para fazer do senhor servo dos seus desejos e caprichos.

Bem sei! É o processo usado desde o princípio do mundo e ainda bem vulgarizado nos países, como o nosso, em que a educação, por escassa e desorientada, não dá a independência económica à mulher, nem lhe desenvolve a noção justa da dignidade pessoal.

Mas esse processo não se coaduna comigo, como da mesma forma não serviu para ti, apesar de todas as tuas boas teorias e sábios conselhos. Para meu uso próprio quero encontrar no homem com quem me ligue, na convicção firme de ser a sua companheira até à morte, a compreensão nítida duma igualdade moral que só nobilita o amor e a família.

Entrar no casamento, como base da estabilidade social fundada na família, por uma porta falsa, onde é necessário abaixar a cabeça e seguir por um corredor escuro até chegar ao salão nobre, convence-te que é absolutamente impraticável para a consciência da minha individualidade e vai de encontro a todos os princípios que para meu uso próprio estabeleci e dos quais sou escrava, como dizes.

E aqui tens, minha amiga, explicado, como te prometi, o mistério da minha fuga, que atribuíste a capricho determinado pelas tendências, mais ou menos aventureiras, da nossa raça.

Responderás ainda a todo este meu esmiuçar de sentimentos íntimos, uma coisa aparentemente lógica e simples, e que tantas vezes vi esboçada nas tuas palavras: é que o viver aí conforme a determinação da minha vontade, não implicava de modo algum a obrigação do meu casamento, fosse com quem fosse.

Tudo isso tem uma aparência de verdade que pode iludir, mas é só a aparência, podes estar certa! Como hás-de reconhecer

¹ «Dá Deus as nozes a quem não tem dentes...» Camilo Castelo Branco, *A Corja*, 1880. (*Nota dos Editores*)

² Teófilo Braga, «O Carvoeiro» in *Contos Tradicionais do Povo Português*, 1914. (*N. dos E.*)

em toda a nudez da minha confissão, eu não me sentia tão fisicamente invulnerável que tivesse a absoluta certeza de resistir à vontade envolvente do Miguel, que me conhece desde criança e sabe os meus gostos e predileções, sem me eriçar de espinhos que o iriam magoar na sua vaidade e no seu orgulho, porventura até no sentimento de posse, a que tu chamas amor, o que porventura determinaria a quebra dos laços de saudosa ternura que à família me prendem, materializados nas relações de amizade que ligaram os nossos pais.

Aproveitando a oportunidade que me facultou a identificação desse velho tio, que me apareceu como indicação providencial nesta hora triste de incerteza, resolvi a minha viagem em demanda de um mundo novo, duma sociedade liberta do peso esmagador dos velhos preconceitos seculares e vou, cheia de vontade e cheia de fé, na certeza de poder triunfar num meio sem compromissos com o passado, em que todos se honram do trabalho e da inteligência como as únicas nobilitações compatíveis com o espírito moderno.

Fujo à tentação egoísta e covarde de vir a ser tão-somente, como dizia aquela encantadora Rosita, procurando com energia e coragem um lugar de destaque no teatro, *uma senhora casada!*

Sinto o calafrio de terror que nos percorre a espinha ao entrar numa prisão subterrânea, dessas que nos deixaram para memória histórica os nossos antepassados, encarando o casamento conforme é aceite e tolerado pela maioria das mulheres: uma escravidão mansa ou uma soberania hipócrita, que aperta sem esmagar a alma feminina e lhe tira toda a nobreza, toda a espontaneidade e toda a iniciativa individual.

Quando eu era ainda criança, um velho amigo da casa, rabugento e irritado com a explosão rebelde do meu espírito, apostrofou-me um dia: «A menina nunca há-de ser, como a sua mãe, a verdadeira mulher do seu marido!»

Foi uma profecia, estás vendo. Porque eu, que nessa ocasião já me revoltava e protestava pela maneira tirânica como ele tratava a mulher – uma pobre rapariga do povo que o aceitara velho e doente, na aspiração humana de subir na escala social, visto que o casamento é a única porta que se abre à natural e honesta ambição feminina –, nunca poderia aguentar uma existência sem autonomia, dentro da qual não poderia ter ideias nem iniciativa sem que tudo passasse pelo papel mata-borrão da vontade soberana de meu marido e senhor.

Por mais amável e delicadamente que a sua autoridade se manifestasse, eu tive sempre uma supersensibilidade espiritual que me não deixaria ser a esposa-pupila que foi, por exemplo, a minha mãezinha.

Pelo que da nossa vida conheces e pelas próprias palavras dela, bem compreendeste que a sua existência decorreu quanto possível feliz e calma, envolvida e acarinhada como sempre foi pela grande ternura protectora de meu pai. E foi tão aliviada a sua missão de esposa e de mãe, no sentido da responsabilidade dirigente, que nem chegou sequer a pesar bem o que o seu papel teria de inferiorização social sem a gentileza e a correcção fidalga com que o marido soube temperar o seu inato autoritarismo.

A certeza de que minha mãe foi absolutamente feliz na anulação da vontade determinada dá-me tanta alegria quanta liberdade para dirigir o meu próprio destino, sem remorso. Conhecendo de perto esse exemplo, não me seduz o resultado, porque o meu critério me indica sem hesitação que uma felicidade edificada sem os raríssimos materiais que fizeram do nosso lar um refúgio invejável, não é duradoira. Para ser feliz como foram os meus pais era necessário, em primeiro lugar, ser a doce e linda criatura resignada ao seu papel de oculta divindade familiar, que foi a minha mãezinha; depois, encontrar num homem de carácter e de energia como meu pai as qualidades de inteligência, delicadeza, educação primorosa e bondade, que foram as características, rarissimamente aliadas, que o tornaram o melhor e o mais querido dos maridos, tão querido que o seu pobre coração não resistiu à dor de o ter perdido.

«Olha, Leonor», dizia amiudadas vezes minha mãe, preocupada, talvez, pelo isolamento em que me ia deixar, «se deparasses com um marido como teu pai foi para mim, morreria feliz!»

Não a querendo contrariar, e na certeza absoluta de que ela desejava um impossível, formulava no meu pensamento a pergunta: «e seria um homem como meu pai o mais próprio para aceitar e ter ao seu lado uma companheira com opiniões, com vontade e com destino autónomo, como esta sua filha?»

Francamente, e com a mão na consciência, julgo que não! Porque, tal como sou, ainda para o seu coração e para o seu espírito representava a exteriorização das suas próprias qualidades de energia e de individualismo autoritário; e o que uma filha traz de desdobramento orgulhoso do próprio ser, só por excepção um ho-